

O MITO DA FRAGILIDADE NUNCA VESTIU O CORPO NEGRO FEMININO

Gislene Alves da Silva*

Resumo: neste texto, reunimos as vozes de três mulheres negras que falam de uma coletividade, e sobre elas, lançamos nosso olhar, destacando a coragem (ou ousadia) que tiveram em romper com o silêncio ao qual foram, e em alguma medida ainda são, conduzidas. Desse modo, elas ousaram rasurar os estereótipos históricos, ao ressignificarem seus processos de (auto)formação e empoderamento. Discorreremos, assim, sobre o encontro de três Marias, as escritoras Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo de Brito e Margarida Maria de Souza, mulheres que resistiram e lutaram, fazendo uso da palavra como instrumento.

Palavras-chave: Escritoras negras; Autorrepresentação; Empoderamento.

THE MYTH OF FRAGILITY NEVER DRESSED THE BLACK FEMALE BODY

Abstract: in this text, we gather the voices of three black women who speak of a collectivity, and on them, we cast our gaze, highlighting the courage (or daring) they had in breaking the silence to which they were, and to some extent still, Conducted. In this way, they dared to shake off historical stereotypes by re-signifying their processes of (self) formation and empowerment. We will discuss, therefore, the meeting of three Marias, the writers Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo de Brito and Margarida Maria de Souza, women who resisted and fought, making use of the word as instrument.

Keywords: Black women writers; Self-representation; Empowerment.

Recebido em 14/04/2017. Aceito em 23/05/2017.

Primeiras palavras

Refletimos nas páginas deste texto, sobre o encontro de três Marias, mulheres oriundas de famílias pobres, negras e que adquiriram o interesse pela escrita muito cedo. Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo de Brito e Margarida Maria de Souza são mulheres que fizeram e fazem uso da palavra como instrumento de resistência e luta.

Estudos já nos mostram que ao articularmos gênero com a categoria raça percebemos uma dupla exclusão imposta às mulheres. Ou seja, se à mulher, em geral, foram negados

* Mestra em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB-Campus II).

vários direitos, entre eles o do acesso à leitura e escrita, à escola, no que diz respeito à mulher negra, via de regra, tudo isso foi impetrado com muito mais reforço. Assim, se ao gênero forem atribuídas outras categorias, ou marcadores sociais, como raça, classe, geração, regionalidade etc., percebemos a exclusão ainda mais acentuada.

Apesar desses fatores excludentes que pesam sobre mulheres pobres e negras, alguns pesquisadores e pesquisadoras, já estão chamando, há algum tempo, a atenção para a produção de mulheres com estes ou com alguns destes marcadores que se fizeram escritoras. É o que faz Maria Aparecida F. de A. Salgueiro (1999) em seu texto *Mulher, literatura e poder: em foco, as escritoras afro-americanas contemporâneas*. Nele, Salgueiro demarca como a literatura afro-americana se estabelece hoje em um dos mais ricos campos dos estudos literários, por exemplo, nos Estados Unidos, despertando interesse de muitos, em diferentes lugares.

Suas considerações debatem questões de gênero e etnia presentes nas obras de Toni Morrison e Alice Walker, “[...] partindo de textos que, ao surgirem de uma dupla discriminação (mulher/negra), examinam a individualidade e as relações com as pessoas como uma forma de caminho para a compreensão de questões sociais complexas”. (SALGUEIRO, 1999, p. 140). As escritoras Morrison e Walker abordam e analisam questões sobre racismo e sexismo, institucionalizadas na sociedade, mas, também, nas relações íntimas no cotidiano das relações familiares. De acordo com o contexto, Beauvoir afirma: “Neste século [XX] as mulheres podem retomar o destino pela liberdade através da literatura” (apud SALGUEIRO, 1999, p. 142).

Nas palavras de Maria Lúcia de Barros Mott:

É difícil não se impressionar com a produção literária das mulheres americanas negras do passado, se comparado com a das brasileiras: foi lançado recentemente nos Estados Unidos uma coleção composta de 30 volumes escritos no século XIX, que reúne poesia, ficção, memórias, diários e ensaios produzidos por escritoras negras (1989, p. 1).

A pesquisadora Ivia Alves (1998), discorrendo sobre o processo de exclusão feminina ao cânone literário, no ensaio “Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário”, faz um levantamento de algumas situações que levam a entender as razões da exclusão da mulher no cenário literário, revelando os mecanismos utilizados pela sociedade para a marginalização da produção literária feminina. Assim, a autora aponta que:

Atualmente, com o resgate de muitas dessas autoras, que publicaram suas produções em livros ou em periódicos da época, mas que foram silenciadas com o tempo, percebe-se que a exclusão não se deve à má qualidade de seus textos, mas, simplesmente, porque suas produções transbordavam ou se desviavam do paradigma eleito pela literatura na modernidade. A maior parte dessa produção caminha contra a corrente dominante e, consciente ou inconscientemente, refuta a representação da mulher no código oficial da literatura. Além do mais, muitas das escritoras partem para o questionamento e a desconstrução da imagem idealizada da mulher construída pela sociedade moderna (ALVES, 1998, p. 231).

Ivia Alves (1998) então, neste ensaio, busca tecer os seus questionamentos em relação à permanência ou exclusão de uma escritora no cânone literário, verificando se esta ou aquela situação estaria realmente pautada no “valor estético” da obra literária. Para a pesquisadora, é preciso se pensar também na posição que essas escritoras ocupavam na sociedade. Assim, o ensaio aborda quatro categorias de análises, a saber: “a posição social que as autoras detinham enquanto vivas; a formação intelectual e a penetração no espaço público como escritoras; que tipo de público sua produção atinge; como a categoria de gênero e classe interferem no discurso das autoras” (ALVES, 1998, p. 233).

Aqui, debruçamo-nos sobre a singularidade de mulheres escritoras que o cânone literário não contemplou, com suas histórias de lutas, de superação, de resistência; histórias que a História não contou.

As três Marias

Muitas pesquisadoras e pesquisadores, no final do século XX, trabalharam no resgate de escritoras do século XIX. Porém, para Maria Lúcia de Barros Mott (1989) é muito difícil fazer o resgate, por exemplo, de escritoras negras no Brasil:

Parece existir uma conspiração do silêncio em torno da ascendência de muitas escritoras e escritores brasileiros, como se esta constatação pusesse em perigo o valor desses autores. Por outro lado, a lembrança da origem do escritor tem sido algumas vezes usada de maneira preconceituosa na tentativa de destruir a sua obra. Basta lembrar o que fizeram com Carolina Maria de Jesus e a dúvida em torno da autoria de seu livro (MOTT, 1989, p. 6-7).

Conforme Mott (1989), Carolina passou por muitas cidades do sul do estado de Minas Gerais, até chegar em São Paulo, levada por umas das suas patroas, exercendo a atividade de empregada doméstica. Carolina era neta de escravos, precisou abandonar a escola, que cursou até o segundo ano, para trabalhar. Quando foi alfabetizada, lia tudo que as pessoas lhe

emprestavam. Ao escrever *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), Carolina já se encontrava morando na favela do Canindé, vivia do que catava no lixo para sustentar a si e aos seus três filhos. Sempre com papel e lápis em punho, fazia do cotidiano literatura:

Com o sucesso de *Quarto de Despejo*, que teve várias edições e foi traduzido em mais de 20 países, obteve enorme espaço nos meios de comunicação, porém, ainda hoje, algumas pessoas olham com reservas a obra de Carolina, negando inclusive a autoria de seus livros, atribuindo *Quarto de Despejo* ao jornalista Audálio Dantas. Esta não é a primeira vez que o livro de uma escritora negra tem a autoria atribuída ao apresentador da obra. Lembro aqui incidentes na vida de uma escrava, contados por ela mesma, da americana Harriet Jacobs, que por mais de um século foi considerado como tendo sido escrito por uma abolicionista branca (MOTT, 1989, p. 5).

Não podemos esquecer que Carolina estava no cenário literário na mesma época que Clarice Lispector, mas “o desprezo à escritora chegou a tal ponto, no país, que seu bonito livro de memórias, *Diário de Bitita*, foi publicado primeiro na França, em 1982, e apenas em 1986 foi editado no Brasil, pela Nova Fronteira” (MOTT, 1989, p. 5).

Conceição Evaristo (2009) diz que, quando sua mãe leu o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus, identificou-se tanto com a obra que a leitura do livro a incentivou a escrever também o seu cotidiano de mulher negra favelada em um diário, que a escritora Evaristo guarda consigo. Conceição Evaristo e sua mãe se sentiam muito próximas de Carolina, pois partilhavam a mesma vida de miséria, embora, separadas geograficamente:

Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos, nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas, ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos (EVARISTO, 2009, p. 3).

Carolina conhecia as mazelas da favela de São Paulo, assim como Evaristo e sua mãe conheciam as mazelas da favela de Belo Horizonte, ambas se sentiam representadas, personagens da obra de Carolina. Para Evaristo (2009, p. 3), “a favelada do Canindé criou uma tradição literária”, pois este caminho foi seguido por outras mulheres faveladas, narrando, em seus escritos, “a miséria do cotidiano enfrentada por elas” (Ibidem, p. 3).

Esta segunda Maria que de que tratamos também é uma mineira assim como Carolina, e apresenta-se do seguinte modo:

Sou mineira, filha dessa cidade [Belo Horizonte], meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube, que sou negra (EVARISTO, 2009, p. 2).

Sobre essa cor parda no registro de Evaristo, lembramos que muitos escritores negros tiveram suas fotos “branqueadas” em estúdios e a cor alterada em seus atestados de óbitos (MOTT, 1989) Com isso, mais uma vez retomamos as palavras de Mott (1989, p. 6), pois esta acredita “que se fossem feitas pesquisas regionais cuidadosas, como também repensados os critérios que determinam se uma escritora é ou não negra, esta lista [de escritoras negras] seria acrescida de muitos outros nomes”. Assim, Mott apresenta Teresa Margarida da Silva e Orta como uma das escritoras que certamente figuraria nessa lista de escritoras negras, pois mesmo sendo descendente de negros, viveu como mulher branca da elite “confirmando-se a afirmação de que o preconceito no Brasil é de marca, não de origem” (MOTT, 1989, p. 8).

Evaristo, militante das questões negras, hoje é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, depois de cursar Letras e fazer o mestrado em Literatura Brasileira, no Rio de Janeiro, após sair de Belo Horizonte em busca de trabalho para função de professora das séries iniciais. Ela começou a publicar seus textos literários na série *Cadernos Negros*, que é uma produção em forma de cooperativa, na qual os próprios autores pagam, dividem os custos de suas publicações.

Aos sete anos, foi morar com sua tia, irmã mais velha de sua mãe. Com condição de vida um pouco melhor, essa sua tia proporcionou-lhe a oportunidade dos estudos. Filha e sobrinha de lavadeiras, Evaristo, aos oito anos, teve o seu primeiro trabalho como doméstica e depois vieram muitos outros. Ela também diz que trocou “horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos” (EVARISTO, 2009, p. 3).

Assim, nos ateliês autobiográficos, promovemos o encontro destas duas Marias, Carolina e Evaristo, ambas mineiras, com a Maria baiana, de Alagoinhas, a Margarida. E

fizemos, pensando também no fortalecimento da escrita literária feminina, uma escrita que também é negra.

O ateliê autobiográfico funcionou como um espaço pertencente a um curso que intitulei de *escrevivendo*. Pensamos este curso enquanto atividade específica para escritoras locais com a finalidade de promovermos um encontro entre escritoras, uma troca, um ambiente de leituras, preferencialmente desviantes, descolonizadoras, das escritoras memorialísticas Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, para que pudéssemos, assim, fortalecer o debate para criarmos dispositivos contra a dominação do discurso patriarcal, um essencialismo e operarmos leituras críticas e reflexivas por outra política a favor da vida.

A nossa intenção, neste curso, foi fazer com que as escritoras de Alagoínhas tomassem maior conhecimento das escritoras Evaristo e Carolina de Jesus, mas, ao mesmo tempo, a partir das leituras dos textos delas, refletissem sobre as suas próprias histórias de vida, tomando a direção destas em suas mãos. No Ateliê trabalhamos com os poemas *Eu-Mulher*, e *Vozes-Mulheres* e o conto *Olhos d'água* de Conceição Evaristo e com a leitura de trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus.

Deste modo, colhemos os escritos autobiográficos das escritoras alagoínhenses, produzidos no ateliê, assim como as entrevistas. O trabalho desenvolvido no ateliê autobiográfico deu embasamento para a construção das escritas de si, de onde emergem as histórias de vida de cada escritora. O curso contou com quatro encontros presenciais, realizados no ano de 2014¹.

Maria Margarida assim rerepresentou a Maria Carolina:

Carolina de Jesus, sinto o conflito interior de quem quis abraçar uma carreira como escritora sem a evolução de um estudo. Residindo num lugar discriminatório, cuja profissão também já não ajudava, mas seu sonho estava além de tudo.

Acredito que teve mais dificuldades não pelo espaço físico que ocupou, mas pelo trabalho e antes os olhos dos seus moradores vizinhos, que estão mais próximos dela, ela seria mais uma naquele lugar como ela dizia “fétido”.

Foi uma mulher marcada pela discriminação social. E a discriminação foi tamanha a ponto de não ter conseguido crescer com toda sua força e a garra que mostrava aos seus vizinhos e companheiros, deixando para nós o conhecimento do tamanho da sua dor pela obra que queria construir (Margarida Souza, em entrevista, 2014).

¹ O processo e os resultados do curso foram considerados como objeto-corpus primordial da pesquisa intitulada *Narrativas Autobiográficas de escritoras de Alagoínhas: Processos de (auto)formação e ressignificação* (2015).

O texto e a história de vida de Carolina exercem um fascínio na escritora de Alagoinhas. Talvez, assim como Evaristo, Margarida se sinta representada por aquela escrita, uma escrita de mulher simples, sem possibilidade de muitos estudos, falando de um cotidiano vivenciado por tantas outras mulheres. Nesse depoimento de Margarida, devemos destacar ainda:

É isso, a outra [Carolina] não estudou, você pega esse [livro] *Quarto de Despejo* você lê, você está entendendo tudo, tem coisas que eu dou risada, porque ela tem umas frases apesar dos dois anos que ela teve de estudo, mas ela tem muita mensagem rápida, ela diz coisas que você anota porque foi interessante, aí eu dou risada com as coisas e essa outra [Conceição] não, essa é doutora, tem uma linguagem profunda, e Carolina não (em entrevista, 2014).

Elódia Xavier (2003), no ensaio, intitulado *O corpo a corpo na literatura brasileira: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina*, ao tratar sobre o corpo subalterno, traz Carolina Maria de Jesus como caso exemplar na literatura. Para a autora, o que surpreende os leitores é o fato de Carolina, vivendo em completa miséria, sonhar em escrever um livro e vendê-lo para conseguir a tão sonhada ascensão, pois seu tempo é dividido entre catar papel, papelão e tudo do que pode tirar algum dinheiro para sobreviver; buscar água, sempre, na madrugada e ainda assim reserva um tempo para escrever:

Ela é assim, gostei muito dela, aí eu digo assim, se essa criatura tivesse estudado, se ela tivesse tido condição... entra aqui falta de condição, de oportunidade, a vida de ser pobre é uma coisa e ficar catando lixo para sobreviver é difícil, muito difícil. Eu acho que está além da pobreza, entendeu?, porque não tem outro meio de vida a não ser o papelão que acha, o papel que acha, a latinha que acha para vender, para trazer a comida para os filhos que estão em casa, para educar os filhos. E os conselhos que ela dava na criação dos filhos e o que ela achava errado dos vizinhos no mesmo lugar que ela morava. Então se essa criatura tivesse o estudo... Agora essa daí [Conceição] não, ela foi pobre, tudo bem, mas ela teve condição de estudar e tal e chegar lá (Margarida Souza, em entrevista, 2014).

Margarida tem toda a razão quando diz que a vida de Carolina estava além da pobreza, pois, na extinta favela do Canindé, as pessoas que ali habitavam viviam na completa miséria, era um pedaço de chão esquecido no mundo, onde faltava tudo, como a própria Carolina denominou, era o quarto de despejo, tudo que não “servia” à sociedade era excretado nesse lugar. Conforme Xavier (2003, p. 16-17):

Esse corpo subalterno é um corpo violentado pela fome, pela miséria circundante, pela degradação do espaço, pela reificação, como se observa na revolta contida nas palavras da narradora: ‘E quando estou na favela tenho a

impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo' (p. 37). *Quarto de Despejo* faz do corpo subalterno um instrumento de denúncia, ao transformar a vida miserável dessa favelada numa narrativa que transgride o modelo canônico e se coloca como um gênero de fronteira, expressão de uma mulher oprimida. É mal escrito, sim; mas a própria incorreção linguística faz parte de um contexto de opressão e carência e deve ser lida como integrante de um mundo marginalizado.

Assim, constata-se a luta dessa escritora em afirmar sua fala, denunciando a subalternidade a que foi confinada; Carolina gritou toda dor daquele corpo surrado, através dos seus textos literários:

Percebo Carolina, na sua condição sociocultural, como um joio no trigo, uma mulher que tem o astral como pode, vivendo no miseril, uma capacidade extraordinária de raciocinar, de não se igualar as pessoas miúda de pensamento, uma mulher que se apresenta aos leitores com a capacidade de escrever e falar, uma tendência enorme de fazer com os filhos o que não fizeram por ela. Percebo Carolina como uma grande mulher, corajosa, educada... e mais não tem porque não teve oportunidade (Margarida Souza, em entrevista, 2014).

Elódia Xavier (2003, p. 14) também tinha esta percepção, pois, para ela, Carolina se sentia esse joio: “Carolina, apesar de negra, catadora de papel e favelada, sente-se diferente dos demais porque dispõe do dom da palavra escrita”. Assim, continua Xavier: “Como ela [Carolina] se considera culturalmente superior, porque lê e escreve, não faz amizades e não se integra, ficando, por isso, duplamente excluída: da classe dominante e da classe dominada” (XAVIER, 2003, p. 13). Mas a escritora Carolina usa da palavra, também, como uma forma de denúncia para as situações vivenciadas na favela, não só por ela, mas por toda a comunidade: “Ela era uma mulher pobre, mas tinha uma outra postura naquele meio, na criação dos filhos. Os filhos estavam acima de tudo na criação, para não se deixar envolver com os outros” (Margarida Souza, em entrevista 2014).

O sonho de Carolina era ter uma casa de alvenaria, pois representaria uma ascensão social, e desejava muito ter uma vida melhor e desfrutar dessa vida de dignidade com os seus filhos. Para Xavier (2003, p. 3), Carolina não se sente parte integrante da favela e não se identifica com as pessoas que ali moravam. Mas quem se identifica com a miséria? Como a própria Xavier (2003) diz, na favela a única coisa em comum que existe é a miséria. Maria Margarida assim percebe, através do texto literário de Carolina, a vida que esta tivera:

Vida pobre, pobreza, decepção, injúria, essa menina mesmo vivia caluniada a vida toda. Carolina, pelos textos, ela não faz por onde merecer aquilo, porque ela cuida dos filhos e cuida do trabalho dela, mas ela é criticada, talvez inveja, quer dizer uma mulher que vive de catar lixo, mas ela é invejada pelas outras, ela tem as coisas arrumadinhas porque ela dá um duro porque talvez aquelas outras não queiram ir catar lixo porque ela já foi condenada por estar suja catando lixo (Margarida Souza, em entrevista, 2014).

A descrição do repórter Audálio Dantas, reproduzida por (XAVIER, 2003, p. 13), dá uma dimensão dessa condição subumana na qual Carolina vivia: “O barraco é assim: feito de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, não muito cômodos. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito for; e um quarto quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinha lá dentro”.

Nesse diálogo entre as Marias, a Maria de Alagoinhas que tem nome de flor, assim se apresenta:

Conheço as dificuldades que sempre ignorei pelos olhares dos que gostariam de não me ver ali, aonde construí um trabalho no profissional, mas cresci como pude: contadora, coordenadora do setor contábil, professora, encarregada de administração, mulher, mãe, avó, sogra, nora, cunhada, irmã, protetora; porque não dizer escritora? Consegui passar por sobre todas as investidas possíveis que me pudessem podar, mas cheguei, estou aqui querendo e continuando a fazer tudo isso em desforra, porque nada me atingiu. Estou bem! (Margarida Souza, em entrevista, 2014).

Talvez estas investidas, diferentemente do que pensa Margarida, mas no mesmo sentido, tenham-lhe atingido e feito com que esta mulher tivesse mais força para continuar trilhando o seu caminho. A partir do contato com as escritoras e das discussões nos encontros, Margarida vai se percebendo como mulher negra e mostra a força dessa mulher, que carrega as marcas de exclusão, desigualdade e silenciamento, mas que também luta muito, assim como Carolina e Conceição:

A vida me ensinou a ser esta mulher que eu digo, hoje eu sou forte. Eu sou forte. Então você diz: analise essa mulher, é uma mulher forte, é uma mulher que chega lá quando ela quer, que não encontra barreira nem na cor. Nada disso está dizendo nada. [...] A mim não está dizendo nada, entendeu?, não dê bom dia, não faça isso, não faça aquilo, mas eu vou. O caminho é livre, eu não estou no espaço em que está todo mundo? Então, eu me analiso assim (Margarida Souza em entrevista, 2014).

Para Margarida, esta mulher negra “tem mais é que ir, meter a cara na rua, ela tem mais é que sair, tem que surgir, ela tem que ir à luta”, conforme suas próprias palavras. Esse corpo negro nunca fugiu da luta e não seria diferente com o texto escrito, na literatura. A

mulher negra “tem que escrever, mesmo que ela só venda um [livro], mas ela tem que fazer, ela não tem que se acomodar ficar ali para trás escondida, não. Eu não aceito isso”. Margarida vai afirmando a mulher negra determinada que representa:

Eu acho que eu sou uma negra desafiadora, ousada, eu não quero nem saber, aí o povo diz assim você é branca porque você veio lá da Europa. Sua branca, e eu lá quero saber se você gosta da minha cor, não quero saber não, eu não quero nem saber, eu quero é fazer, você dê valor ou não. Eu quero fazer (Margarida Souza em entrevista, 2014).

Para as mulheres pobres, o “cenário de atuação” não era apenas o lar, mas também as fábricas, oficinas e lavouras; com o decorrer do tempo, essas e outras mulheres passaram a ocupar outros espaços, porém suas atividades eram sempre representadas como subsidiárias e controladas por homens.

E muitas são as Margaridas

Margarida Maria de Souza é uma escritora nascida em Serrinha-BA, foi para Alagoinhas ainda na juventude, onde iniciou a sua trajetória literária e, atualmente, reside na cidade de Salvador. Na adolescência, escrevia cartas que trocava por broche ou batom, dentre outras coisas, para as meninas entregarem aos namorados. Na Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas (FFPA), atual (UNEB), a biblioteca criou um concurso de contos e foi quando escreveu seu primeiro texto literário e ganhou o segundo lugar; nessa época já tinha 39 anos. A partir de então, começou a escrever, mas guardava seus textos.

Margarida escreve poemas, contos, romances e crônicas; publicou o seu primeiro livro, intitulado *Pedaços de mim*, em 1993, depois publicou *Alma menina* (1994), ambos os livros de poesia. Escreveu outros: *Coisas da vida* - contos e crônicas (1998), *Milena* – romance (2015) e *Memórias entrelaçadas* - memórias autobiográficas (2014). Para suas publicações, Margarida tem contado com recursos próprios e ajuda dos familiares.

Filha do servidor público Teodoro Pereira de Souza e da dona de casa Raquel Gonçalves de Souza, Margarida Maria de Souza foi alfabetizada na sua casa pelo pai, que, segundo a entrevistada, (Escrita autobiográfica, 2014), possuía “uma caligrafia e redação invejáveis e sem nunca ter frequentado uma escola”. Assim, continua Margarida (2014) a nos dizer: “com ele aprendemos o ABC, ler horas, fazer cálculos e, com mamãe, que estudou até

o 2º ano primário, aprendemos a responsabilidade pelos estudos e o mínimo que ela sabia passava para seus filhos”.

Devido ao fato de o pai ser um servidor público e estar sempre sendo transferido de cidade, Margarida concluiu o ensino fundamental I, o antigo primário, atrasada, aos quinze anos. A escritora nos revela ter sido impedida de continuar os estudos, aos dezessete anos, cursando a sexta série. A mãe de Margarida a proíbe de estudar, alegando que não criou filha para ficar “doida” de tanto estudar, entretanto Margarida se dedicava de tal forma aos estudos, que chegava a passar horas sem se alimentar. Diante desse fato, a sua mãe intervém, impossibilitando-a de degustar daquilo de que tanto gostava – os estudos.

Margarida só retoma os estudos a partir dos trinta e nove anos, já casada, mãe de três filhos, quando se encontra morando em Alagoinhas. Ela relatou sobre seu retorno ao estudo, mas também dos quatro empregos a que se dedicava ao mesmo tempo. A rotina de trabalho de Margarida era muito intensa, pois trabalhava no período da manhã na prefeitura, à tarde, na Universidade do Estado da Bahia, à noite, dava aula no Centro Integrado Luiz Navarro de Brito e, nesse mesmo turno, quando chegava em sua casa, ainda tinha que trabalhar com a contabilidade da Câmara de Alagoinhas, muitas das vezes, até às cinco horas, sendo que estaria na prefeitura às sete horas para dar início à sua nova jornada de trabalho.

Nas suas narrativas, Margarida vai se apresentando como uma mulher forte e determinada, que “arregaça as mangas” e vai atrás dos seus objetivos, não tendo barreiras que ela não possa ultrapassar. Assim, continua Margarida a sua narrativa:

Eu digo assim, esse livro agora, *Memórias Entrelaçadas*, é um livro [em que] eu conto desde as memórias que eu tenho do que minha mãe contava até os dias de hoje. Se [...] quinhentos [livros] não vendem, aceitação é pouca, não vende, eu faço cem, eu faço cinquenta na editora, faço cento e cinquenta, mas faço, não deixo de fazer, é isso que eu digo. A gente tem que ir à luta não tem que se acomodar, ah!, porque eu sou preta, eu sou branca, porque eu sou pobre, porque... não, eu quero e eu querendo faço minha hora, tem que ir à luta, tem que fazer. [...] então é isso a gente tem que ter essa noção, essa garra, essa força, se você quer, lute. É isso que eu acho que tem que ser, então a mulher negra, ah, porque ela tem que se acomodar, porque ela é negra e eu lá quero saber de pele, eu não quero saber não, minha filha, eu não quero saber se eu tenho a pele preta, se eu tenho o cabelo duro, eu tenho eu, eu tenho o meu eu, eu quero, eu vou, eu faço. Eu acho que todo ser humano deve ser assim, devia ser assim (Margarida Souza em entrevista, 2014).

Certamente, o mito da fragilidade nunca vestiu o corpo negro feminino, esta mulher não obteve “proteção paternalista”. Por isso Sueli Carneiro (2003, p. 1), insistentemente, pergunta “de que mulher mesmo estamos falando?” A mulher negra, nos diz a autora, nunca foi reconhecida ou tratada como frágil, “[...] fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas.” Assim, ainda pontua Carneiro (2003, p. 1), essa mulher negra jamais poderia entender quando o movimento feminista gritava que a rua também pertencia às mulheres e que estas tinham direitos de sair e trabalhar: “Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados” e, ainda “hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (CARNEIRO, 2003, p. 1).”

A literatura feminina escrita por mulheres negras vem construindo o seu espaço de força e resistência, rasurando o cânone. Porém, a visibilidade desses grupos minoritários está sendo construída em processo lento e custoso, por meios alternativos. Lembremo-nos, mais uma vez, de Evaristo, que inicia suas publicações nos *Cadernos Negros*, uma publicação alternativa, tanto em termos de produção quanto de divulgação. Maria Lúcia de Barros Mott apresenta uma possibilidade de leitura sobre as produções dessas mulheres:

Mais do que a rejeição e esquecimento, estas autoras precisam de uma análise em conjunto. Suas vidas como seus escritos certamente ajudarão a compreender não apenas questões específicas ‘do ser negra no Brasil’, como aquelas mais gerais que afetam ou afetaram toda comunidade negra, como por exemplo, a da opressão exercida pelas mulheres brancas sobre as mulheres negras, o que perpassa na obra de Anajá Caetano (daí talvez o perfil terrivelmente depreciativo que atribui às sinhás); a da solidariedade entre mulatos pobres e escravos, como transparece na vida de Maria Firmina dos Reis; a da marginalidade econômica e educacional vivida por homens e mulheres negros após a Abolição, tão bem descrita por Carolina Maria de Jesus, no já citado diário de Bitita; ou então, a identidade negra possível quando o elemento negro foi criado, socializado, por brancos, como no caso de Ruth Guimarães; ou ainda a relação entre ascensão social e identidade negra, lembrando novamente o caso de Auta de Souza (MOTT, 1989, p. 7).

Porém, são muitas barreiras que essa escrita feminina negra encontra pelo seu caminho, tornando este caminhar mais árduo. Margarida toca em uma destas questões importantes, que é a comercialização da produção literária de escritoras negras:

Quero ultrapassar esta barreira que ainda impera na sociedade fazendo meu trabalho, escrevendo sem dar muita importância às respostas da sociedade. Se, escrevendo um livro, eu sei que para uma negra a comercialização é mais difícil, faço menos, de modo que uma pequena clientela conheça, mas não deixo de fazer. Eu acredito muito é na força de vontade do ser humano. Se você quer, insista e não se deixe levar por circunstâncias que possam atingir seu brilho. Sei que hoje a tiragem de exemplares de brancos é bem maior porque são bem comercializados (Margarida Souza em entrevista, 2014).

Além da pouca aceitação do grande mercado para a produção de escritoras negras e escritores negros, eles ainda esbarram na crítica e no jugo dos estudiosos de literatura:

A produção literária de autoras e autores negros tem permanecido sob o fogo cruzado da crítica e dos estudiosos de literatura: aqueles que se dizem negros, ou afro-brasileiros, são frequentemente acusados de só tratarem de assuntos negros. Aqueles que omitem a questão da cor, como Auta de Souza, não são, muitas vezes, considerados negros (MOTT, 1989, p. 6).

Porém, assim como Maria Margarida, Carolina Maria insistiu em escrever/falar sem se importar se tinha até a segunda série; ela se colocava como escritora e se afirmava como tal. E hoje podemos dizer: uma escritora negra, pobre, sem muitos estudos, moradora de uma favela. Assim, embora seu livro *Quarto de despejo* tenha sido traduzido para várias línguas, esbarra em muitas dificuldades, as que geralmente uma mulher negra favelada e semiletrada encontra quando ousa escrever e publicar. De acordo com Elódia Xavier (2003), em relação à aceitação do público brasileiro da obra de Carolina Maria de Jesus e as dificuldades encontradas, pela autora, no mercado editorial:

Entre nós, o sucesso da autora foi efêmero, não obstante as inúmeras reedições em português de *Quarto de Despejo*; o fato é que os livros posteriores, Casa de alvenaria (1961), Provérbios (1963), *Pedaços da fome* (1963) e a publicação póstuma de *Diário de Bitita* (1986) não tiveram a acolhida desejada por Carolina. Sua poesia sofre do mesmo mal – falta de público por ausência de editores. Só em 1996, a editora da UFRJ publica *Antologia Pessoal*, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e com prefácio de Marisa Lajolo. Aí se percebem as dificuldades encontradas pela poetisa favelada no diálogo com as imposições de um mercado editorial gendrado, racista e hegemônico (XAVIER, 2003, p. 9).

A discriminação racial permeia toda a nossa estrutura social, vemos isso nas artes em geral e, em especial na literatura, com seu mercado editorial, mas, também, no esporte, como por exemplo, quando a torcida de futebol xinga com palavras de cunho racista jogadores em campo; da mesma forma, a recorrência de abordagens policiais nas ruas a

negros é maior do que a brancos, e tantas outras situações cotidianas vividas pela população negra. Assim, Margarida levanta uma questão importantíssima sobre como o racismo está sendo tratado em casa:

A gente começa a discutir essa questão de raça, de discriminação. Mas, e em casa? Como é que está sendo tratada essa questão? Os pais estão dando pouca importância à formação do filho desde pequeno. O que ele quer, o que ele vê, o que ele está vendo, então é a vivência, o viver é aquilo que a criança está notando. Então, que caráter ele pode ter mais tarde? Se ele vem daquela criação, daquele jeito. Como a gente estava dizendo, assim, não é porque mora em periferia, porque essa Carolina, numa periferia, ela sabia cuidar dos filhos, ela catava o lixo, catava tudo em troca do pão para levar para casa e cuidar. Entendeu? Essa criação foi muita luta de uma mulher pobre para cuidar dos seus filhos. E porque hoje a gente não vê tudo que a criança quer, vai entregando, vai dando essa liberdade, então, o ser passa a não ter respeito por nada, não tem governo, não tem igreja, não tem pai, não tem mãe que resolva o problema hoje (Margarida Souza em entrevista, 2014).

A resposta de Margarida diante da pergunta de como a discriminação racial está sendo tratada em casa lembra-nos de uma oficina, ministrada pelo professor Edson Carneiro, intitulada “Racismo e desigualdade racial²”, quando disse que o nosso racismo é estrutural, que a atitude racista de uma pessoa é apenas a ponta do *iceberg* e que, se não conseguirmos tratar o racismo até os seis anos de idade, “a casa caiu”.

E a “casa cai” todos os dias quando assistimos à programação televisiva, principalmente a de canais abertos, aos quais nossas crianças têm acesso; da mesma forma não nos vemos representadas, quando entramos na universidade e ainda somos chamados de “burras”!. Isto para não falar do acesso à escola e ao mercado de trabalho, pois, nas escolas particulares, não estamos estudando nem ensinando, não temos o padrão das passarelas, capas de revistas ou de *reality-shows*. Não refletimos a família feliz do comercial de margarina.

E não estamos nesses e nem em outros tantos lugares porque é “preciso ter boa aparência”, “fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: ‘Exige-se boa aparência’” (CARNEIRO, 2003, p. 2). O que nos faz lembrar daquela velha canção: “*Precisa-se de moça, boa aparência, pra secretária/ Tem que ser muito bonita, descontraída e educada*”³. “Boa aparência” de acordo com o padrão branco, termo sempre usado em anúncios de jornais que oferecem emprego, como metáfora

² I Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Africanas e Afro-brasilidades (CILLAA) realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias do Campus XXIII, Seabra-BA de 21 a 24 de outubro de 2010.

³ Música “Anúncio de jornal”, da argentina Julia Graciela, que fez muito sucesso nos anos 1980.

de cor: “As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (CARNEIRO, 2003, p. 2).

Palavras finais

A escrita feminina negra, enquanto produto cultural, precisa ser ainda potencializada, mais valorizada e, dessa forma, consumida. Percebemos que, mesmo tendo passado por processos de silenciamento, essas escritoras conseguem, em certa medida, romper com as relações opressoras de poder. Ao terem uma postura proativa, sobre a necessidade imperiosa de escreverem e publicarem, estão, ao mesmo tempo, investindo ativamente para a transformação de uma cultura hegemônica da opressão.

Como diz a própria Evaristo (2012), nesta sociedade discriminatória, espera-se de uma mulher negra que ela rebole, que ela saiba cozinhar, passar e lavar. Esse pensamento se faz presente nos verso de Carolina Maria de Jesus: “*Eu disse: o meu sonho é escrever! / Responde o branco: ela é louca. /O que as negras devem fazer.../ É ir pro tanque lavar roupa* (citador por XAVIER, 2003, p. 9)”. Essas mulheres merecem todo o nosso respeito, pois “é preciso ter coragem para ter na pele a cor da noite⁴”, e, ainda assim, ousaram escrever.

Por esses e tantos outros motivos, dizemos com Mott: “[...] a experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem. Escrever ou não escrever sobre homens e mulheres negras jamais anularia esta verdade”. (1989, p. 7). Desse modo, é preciso valorizar as obras escritas por estas três Marias, mas também as de tantas outras Marias que estão espalhadas por aí e muitas, ainda, soterradas nos porões da história oficial, para compreendermos a nossa história de luta de mulheres negras.

Referências

ALVES, Ivía. Escritoras do Século XIX e a exclusão do cânone literário. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ivía; MACÊDO, Márcia (Org.). *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar*. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. p. 231-246.

⁴ Verso do poema “Ter na pele a cor da noite”, de Márcio Meirelles. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/cadernos-negros.html>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA empreendimentos sociais; TAKANO cidadania (Org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo - projeto*. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passegi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/conceicao-evaristo-por-conceicao.html>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras: resgatando a nossa história*. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1989. (Coleção Papéis Avulsos).

PADILHA, Laura Cavalcante. Silêncios rompidos: a produção textual de mulheres africanas. In: REIS, Livia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadete. (Org.) *Mulher e literatura. VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

SALGUEIRO, Maria Aparecida F. de A. Mulher, literatura e poder: em foco, as escritoras afro-americanas contemporâneas. In: REIS, Livia de Freitas, VIANNA, Lúcia Helena e PORTO, Maria Bernadete (Org.). *Mulher e literatura – VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.

XAVIER, Elódia. O corpo a corpo na literatura brasileira: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina. In: BRANDÃO, I.; MUZART, Z. L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Edunisc/Editora Mulheres, 2003.